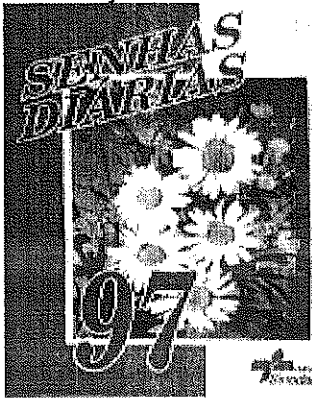


EDITORA SINODAL
Instituição Sinodal de Assistência
Educação e Cultura



Caixa Postal, 11
 93001-970 - São Leopoldo - RS
 Fone: (051) 592-6366
 Fax: (051) 592-6543

NOTAS E COMENTÁRIOS

NOTAS SOBRE A REALIDADE DO MAL

Jeni Bertoni Nimtz

1. A REALIDADE DO MAL

Na busca e encontro de si mesmo, o homem descobre novos caminhos que o levam ao âmago de sua personalidade; seu novo espaço íntimo traduz-se num "lugar" de experiências provocadas pelo mais alto impulso psicológico: o desejo. Percorrer tais traçados é ir ao encontro do amor (desejo do bem) e ao ódio (desejo do mal), buscando explicações para as atitudes que são consideradas como pacíficas e construtivas, bem como possíveis análises para os atos que são causa de sofrimento e feridas. Amar-se a si mesmo é poder reconhecer que tais dores são fruto de um desamor muito grande, capaz de revelar que o "eu" de cada indivíduo o orienta para um centro pessoal e transpessoal na realização da unidade e da totalidade de ser humano.

Sabe-se que o mal presente no mundo toma formas violentas e assustadoras. Sua presença coloca questões que perturbam e provocam

a vida interior do homem, afetando sua psiqué, de forma tal, a torná-lo um ser "possuído" por "forças estranhas".

Parece ser verdadeiro que a realidade do mal se subentende como um bloqueio que afasta o homem da assimilação dos valores humano-cristãos, levando-o ao desespero, preâmbulo da loucura. Nesse sentido, o mal é visto como ameaça constante porque tem poder de atacar e destruir o indivíduo, extinguindo sua vida através da doença, do crime, do suicídio, da guerra, de cenas catastróficas e de tantos atos de violência contra si mesmo e contra seus semelhantes. Evitar o mal... de que maneira? Ninguém pode fugir dele quando começa a sofrer. O padecimento sempre traz consigo o ato do mal: ambos são parceiros enquanto problema. Portanto, justificar sua presença no "ego", agregado às dores é viável como suposição de que o sofrer é efeito de uma atitude de malignidade.

2. O MAL SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA

Examinar um problema a partir da perspectiva do inconsciente é como olhar de dentro para fora. O homem é tão pequeno que é possível que olhe para dentro de si mesmo e perceba, com certa perplexidade, que a natureza do seu exterior é bem diversa da natureza do seu interior.

No enfoque psicológico, é necessário citar o “lado escuro de si mesmo”, levando a pessoa à compreensão do problema que o mal coloca à sua consciência. Não é nova a idéia de que o Bem e o Mal são conceitos relativos, não existem em si mesmos, mas aplicados às coisas de acordo com os benefícios ou prejuízos que trazem para quem os manipula ou para seu próprio agente.

A partir da ótica do “ego”, diz-se que as coisas não são boas ou más em si mesmas, mas o pensamento é quem as torna assim. Será verdade? Se for, pode-se explicar o porquê de todo ato egocêntrico ter sua justificativa, pois com base em suas próprias certezas o homem satisfaz suas ambições, anseios e desejos, mesmo que em detrimento da diminuição do outro.

3. O MAL SOB A ÓTICA DA TEOLOGIA

John A. Sanford, em seu livro: *Mal, lado sombrio da realidade*, aponta com extraordinária clareza de idéias a diversidade da conceituação

aplicada ao Bem e ao Mal. Diz ele “as pragas que destroem as plantas em pleno viço, cometem gestos bons; os esquilos que roem as bases dos pés de tomate em pleno desenvolvimento, fazem um bem”. Sob o ângulo destes dois agentes externos, o destruir algo levando-o à morte é um bem; sob a ótica do semeador é o mais terrível de todos os males. Isso faz crer que a conceituação do mal depende sempre da ótica do observador.

Nicolas Berdyaev conta a definição do mal através de uma linguagem totêmica: “Se eu roubo a mulher de um homem, isso é bom para mim, mas se alguém rouba a minha mulher isso é mau”. Pode-se concluir, então, que o Bem e o Mal são conceitos que não apresentam existência real em si próprios. Diz o filósofo chinês Chu Hsi que a natureza está além do Bem e do Mal, ignorando pois essa terminologia egoísta. Hamlet parece reforçar a idéia de Chu Hsi, quando diz que não existe nada que seja bom ou mau. É o pensamento que o torna assim.

Sabe-se que não agrada à Teologia essa relatividade na conceituação filosófica do Bem e do Mal. Não há como ser companheira da filosofia no que se refere à tal definição, pois nesse caso não haveria moral para a vida ou para o mundo, nem existiria qualquer tipo de ordem moral capaz de exercer

controle sobre o ser humano ao tratar-se de suas ambições egocêntricas, mesquinhas e destrutivas. Os dirigentes de guerras estarão sempre convictos de que sua causa é justa, por isso violam direitos humanos e matam em nome de Deus, ainda que para o resto do mundo, tais atos possam estar possuídos pela maldade. Certamente, existe uma perspectiva divina sobre o mal, diferente da perspectiva do “ego”, através da qual toda pessoa é responsável pela vontade, pela escolha e pelo sofrimento na vida. Assim sendo, muitos vão descobrir que um acontecimento ruim, aparentemente, tem o seu lado positivo, quando leva a pessoa à luta, à superação das dificuldades, às violentas transformações em sua personalidade. Decidir o que é bom e o que é mau através da linguagem religiosa em que Deus é colocado no centro da história do homem, é ansiar por ver a realidade tal como Deus a vê. Nesse sentido, os códigos da moralidade traduzidos pelos Dez Mandamentos, transcendem a visão do “ego”, enquanto representam a esperança de uma idéia mais abrangente do Bem e do Mal. Fazer o bem, evitar o mal, é a grande regra da moralidade.

4. CONCEPÇÕES E CRENÇAS SOBRE AS TRADIÇÕES VÉTERO E NEOTESTAMENTÁRIAS

A tradição do AT emprestou às crenças populares o mal, representado pelos maus espíritos. Os espí-

ritos apresentavam uma influência danosa ao ser humano que, por eles, era possuído. O livro de Tobias, por exemplo, distingue o mundo angélico do mundo diabólico (6,8; 8,3), re-produzindo com dados precisos e concretos um ritual de exorcismo: “*O anjo determinou a Tobias que queimasse sobre brasas porções de peixes para que a fumaça afugentasse toda espécie de mau espírito*”. Acreditavam os hebreus na má influência do mundo demoníaco sobre o mundo humano, portanto, lugares enfeitados deveriam ser submetidos a uma ritualística de desencantamento. Eram as práticas exorcizantes do judaísmo antigo. Outras passagens existem sobre a presença do exorcismo do mundo antigo, como consequência da ação demoníaca sobre o homem. Cita-se o NT e, nele, as seguintes passagens: Mc 1,25; 5,9; 9,25; Mt 1,10; At 16,18. Tais escritos demonstram a mentalidade da época que acreditava ser o demônio causador de fenômenos que hoje, parece ser de âmbito, puramente psicológico. Toda doença era como cicatriz na vida do homem possuído pelo demônio, pelo poder de Satanás. Em Mc 6,13 está nítido que a expulsão dos demônios vinha estreitamente associada à cura dos doentes. São textos que demonstram o poder taumatúrgico como revelação dos sinais da vinda do Reino de Deus. Os demônios, como anjos decaídos, são cúmplices de Satanás. Para combatê-los é mister recorrer a exorcismos. Jesus exerce

tanto poder sobre eles que as multidões se tornam perplexas (Mt 12,23; Lc 4,35). Por força desse poder as ações exorcizantes passam a ser efetuadas em nome de Jesus (Mt 7,22; Mc 9,38) como um sinal-testemunho do Evangelho (Mc 16,17).

A vitória de Deus sobre o demônio principiou com a vinda de Jesus à terra (Lc 10,18) e sua morte na cruz (Jo 12,31). E só haverá de plenificar-se na Parusia (Ap 12,12), dando a entender a todos de que Deus é o libertador que provou, magnificamente, o poder e a fidelidade de seu povo. Por isso, todo ato de exorcismo converge para o tempo escatológico da libertação definitiva. É o poder de Deus que se faz presente e que haverá de pronunciar, um dia, a última palavra sobre a história do homem e do mundo

5. O DEMÔNIO: CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS ATRAVÉS DAS AÇÕES

O demônio apresenta-se como inimigo de Deus. Por esse atributo, é expulso do céu e precipitado no inferno; na terra, Satanás - o grande dragão - tenta conduzir o mundo inteiro à ruína, pois é dono de grande ciência, de grande força. Quer reinar no lugar de Deus. Seu reino é contraposto ao reino divino, pois caracteriza-se pelo ódio, pela destruição das obras de Deus. Barra os planos do Senhor, inutiliza-os, tra-

mando assim, a infelicidade do homem no corpo e na alma. Apresenta-se, também, como o *príncipe deste mundo*. Nesse sentido, lembrando as circunstâncias em que se deu o primeiro pecado, arrebatou o homem para si, fazendo dele seu servo. Como conseqüência, torna os homens perversos (assassínio de Abel) e pagãos (idólatras), sendo que, neste último caso, a infidelidade a Deus é estabelecida por ocasião dos sacrifícios oferecidos aos ídolos.

6. O PAPEL DO DIABO E DO MAL NO NOVO TESTAMENTO

Os muitos apocalipses judaicos que não constam do cânon judeu do AT contêm elevado desenvolvimento da demonologia e da angeologia. Estudiosos supõem que os judeus da época exílica tenham sido influenciados pelos babilônios, pois foi, justamente, nessa época que os teólogos hebreus se interessaram por uma visão dualística do Bem e do Mal. Seja qual for a razão, no tempo de Jesus os fariseus e o povo estavam fortemente convencidos de que havia toda uma hierarquia de espíritos bons e maus, sendo estes últimos presididos por Satã. Dada a grande importância do maligno no NT, atribuem-se a ele diversos nomes: 35 vezes nos Evangelhos ele é chamado de "Satã" (adversário, acusador); 37 vezes é o "diabolo" (diabo, aquele que *joga atravessado*); muitas vezes ele é o "inimigo" (Lc 10,19; Mt 13,28); 7

vezes a referência a "Belzebu" (senhor das moscas) e, em João, ele é citado como "príncipe deste mundo".

Nos Evangelhos, Satã é qualificado como o grande responsável por uma infinidade de doenças humanas. É o causador de agonias físicas e aflições. Em Lc 13,16 encontra-se o exemplo da mulher doente que por dezoito anos não conseguia erguer-se porque "*possuída estava por Satã*". Ele é, também, causador de conflitos mentais: "Possuindo um bando de demônios, apossou-se do país dos gerasenos, suplicando a Jesus pela fala do homem que vivia nas tumbas, que não os mandasse para o abismo" (Lc 8,28-34).

Várias parábolas de Jesus lidam com a atividade de Satã entre os seres humanos, em especial a parábola do semeador (Mc 4,15) e do joio (Mc 13,28). Dessa forma, Satã aparece nos Evangelhos como um espírito oposto a Deus, colocando obstáculos no caminho do homem, trazendo sofrimento à humanidade, distanciando o homem de Deus.

A função do diabo parece ser conhecida de Jesus. É o que se conta no episódio das tentações no deserto. O diabo tenta persuadir Jesus a empregar mal seu poder divino.

Durante sua missão, freqüentemente Jesus deparava com Satã e seu bando de demônios nos trabalhos de cura e, evidentemente, concordava com a idéia popular de que muitas, se não todas as doenças do corpo e do espírito, eram aflições do poder do mal.

7. EXORCISMO: CRISTO VITORIOSO SOBRE O MAL

Verdade é que o mal entrou no mundo via pecado humano; a encarnação do Verbo, sua paixão, morte e ressurreição foram a grande vitória de Bem sobre a natureza humana corrompida. O homem pode, por adoção, tornar-se filho de Deus, vencendo as trevas de dominação. O próprio Cristo, tentado que foi por Satanás, venceu-o, e o expulsou muitas vezes dos possessos, fazendo prevalecer a vontade do Pai. Diz Lucas que Satanás tentou Cristo até na paixão, portanto, no momento culminante do mistério pascal. Contudo, a vitória de Cristo se concretizou por meio desse mistério, projeto divino cumprido até o fim e compartilhado pelos redimidos por seu sangue. Assim sendo, os homens são estimulados a agir como ele agiu, fazendo o bem e libertando os oprimidos das mãos dos opressores. Tudo é colocado a serviço do Espírito de Deus Criador, segundo a promessa de Cristo: "Pedí ao Pai e ele vos dará o Paráclito" (Jo 14,16).

Eis, portanto, a grande dimensão do exorcismo: evidenciar a renovada profissão da dependência de Deus, fortalecer a atitude cognitiva do homem em relação a seu Deus e contribuir para recordar a própria precariedade humana, mantendo-se vigilante em face de quem prepara ciladas.

8. CONCLUSÃO

O homem lança, às vezes, um olhar maldoso sobre as boas coisas da vida, querendo construir um caminho só para si diante do bem que vem de Deus. O egoísmo sempre trai o impulso generoso de Deus. Crescem juntos o trigo e o joio até a hora da colheita quando, então, far-se-á a separação. O joio será queimado e o trigo guardado nos celeiros. Abandonam-se as máscaras, aparece a verdadeira personalidade.

O homem é um feixe de bem e de mal, uma mistura de espigas de trigo e de joio que se entrelaçam a vida toda. É como um pé de planta-ção que se bifurca, fazendo surgir o propósito de ser bom e, ao mesmo

tempo, o impulso de incontida vaidade que promove o desejo do mal. Mas, Deus não criou ninguém, moralmente, bom ou ruim. As oportunidades existem assim como o dom da liberdade. A história do joio é como se alguém tirasse a tampa dessa *caixa de surpresas* que é o homem. O Bem e o Mal, convivendo na mesma realidade, decidindo o amanhã do homem.

Jeni Bertoni Nimtz é Licenciada em Letras pela UNICID, Bacharel em Teologia e Mestranda em Estudos Bíblicos na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A ECLESIOLOGIA NAS CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA

Susana Alves da Motta

As cartas de Santo Inácio de Antioquia não são um recurso literário para divulgar uma mensagem ou transmitir idéias sistematizadas. São, efetivamente, cartas dirigidas a destinatários concretos¹, com espontaneidade e informalidade próprias de uma verdadeira carta, onde se misturam temas de doutrina, pastoral, catequese e mística. Por isso encontramos esparsos, em diversos textos, temas repetidos, os preferidos pelo autor, aqueles que diziam respeito, diretamente, às comunidades e às convicções quanto à doutrina e modo de vida dos cristãos diante das tentações da época: os judaizantes e os gnósticos. Santo Inácio não foge das controvérsias com os docetas (Esm 1,2,3 e 5) e com os judeus (Mag 8,1 e 10,3).

É em Santo Inácio de Antioquia que vamos encontrar os neologismos da época: *cristianismo* (Mag 10,3; Rm 3; Fl 6,1) e *católica* como qualificativo da Igreja (Esm 8,2).

Encontramos em Santo Inácio fórmulas precisas de um Credo antes das formulações dogmáticas fixadas pelos Concílios, em Tralia-

nos 9 e Esmirneses 1. Nas cartas Efésios (9,1) e aos Magnésios (13,1-2) já aparecem algumas afirmações trinitárias, embora não muito claras nem muito freqüentes..

O tema que mais se destaca nas cartas de Santo Inácio é a *Eclesiologia* com atenção especial para a *hierarquia*. Ele usa a palavra *Bispo* 60 vezes, a palavra *presbítero* 20 vezes e a palavra *diácono* 15 vezes, sendo que 13 vezes aparece a hierarquia toda reunida.

O valor atual da eclesiologia de Santo Inácio pode ser medido pelo número de vezes que é citado pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Ecumênico Vaticano II (17 vezes) e no Catecismo da Igreja Católica (19 vezes). É também o Concílio que restaura o uso da palavra presbítero no mesmo sentido que a emprega Inácio, isto é, como colegiado sintonizado com o Bispo (Ef 4,1; 5,1; Mag 6,1-2; Tral 2,3 e 7; Esm 8 e 12; Pol 6). Diz Santo Inácio: "*esforçai-vos por fazer tudo na harmonia de Deus, sob a presidência do bispo em lugar*

¹ As sete cartas de Santo Inácio de Antioquia foram dirigidas às comunidades de Éfeso, Magnésia, Trales, Roma, Filadélfia e Mirna. A última é dirigida a Policarpo.